

Uma das faces de Virgínia Leone Bicudo

One of the faces of Virgínia Leone Bicudo

Uno de los rostros de Virgínia Leone Bicudo

Gabriela da Costa Silva¹
Orcid: 0000-0002-8563-2175

Há cinco minutos para a entrevista do processo seletivo, os pensamentos sobre a péssima avaliação que havia recebido em seu projeto tomavam conta dela como nunca. “Se na escrita já havia sido rechaçada, como poderia defender a importância daquela autora que ninguém conhecia, tampouco seus professores?”, era o que pensava. O corpo tenso que parecia não aguentar mais um dia sequer daquela seleção. Sorriu falsamente quando a banca disse “boa tarde” e explicou todos os procedimentos da avaliação. Um roteiro muito bem treinado, elencando de A até Z os motivos pelos quais um projeto sobre aquela socióloga negra deveria ser bem-visto, que parecia uma seção de provocação frente ao tradicional método e textos estabelecidos. Mas que ousadia dessa *negrinha* que não sabe seu lugar! As caras pálidas acenavam de uma forma sintonizada, muito podia se ver ali. “Dez minutos eram tempo suficiente para convencê-los? Teria que ser”. Mais um sorriso amarelo tentava disfarçar o nervosismo enorme. As respostas dadas à banca satisfaziam muito, apenas uma figura parecia incomodada, questionadora frente à defesa pelo direito à memória, que sequer existia. “Como poderia realizar uma análise desta socióloga se você só faz santificá-la? Não é assim que fazemos Sociologia”, a pergunta foi inesperada, disfarçada de muitas coisas, tons e acusações, e soava como uma artimanha bem bolada para barrar a proposta do projeto. Como um filme, em um *stop*, tudo congela e a candidata respondeu: “sequer acredito em santos, essa pergunta me parece uma piada”, mas logo depois o play é apertado e ela volta pra a realidade, e usando mais uma máscara discute complexamente tudo novamente, como se fosse uma fita que tem sido repetida desde 1888².

Ao longo dos anos, um processo recorrente parece permear a vida de jovens negras e negros no meio acadêmico: a constante luta pelo pertencimento e a busca por um rompimento direto com uma vida de subjugação e de violências constantes. Diante desse contexto, todos nós trilhamos uma jornada dupla em busca de nossas próprias referências em direção à construção de estratégias que possam burlar uma trajetória previamente determinada, tão tradicional diante de um universo patriarcal, elitista e branco como a academia. Histórias como a desse pequeno relato real-ficcional mostram que essa tarefa é um incômodo e

uma urgência, bem como um exercício diário e desgastante que permeia a vida de pesquisadores negros, que buscam resgatar a existência e as produções de intelectuais negros marginalizados. A urgência por encontrar figuras complexas e reais, mulheres e homens negros que trilham um caminho, ainda que único, tão parecido quanto o nosso, orientam muitas trajetórias atuais. Foi toda essa sede que me levou a conhecer Virgínia Leone Bicudo, e foi sua vida que me colocou frente a uma possibilidade radical do fazer sociológico, a partir de minha própria negritude.

1. Mestranda em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília - UnB

2. Relato particular e coletivo que poderia ser de qualquer leitor negro que tenha pleiteado uma pesquisa transgressora com os moldes acadêmicos racistas. Um relato de uma fita que vem tocando há séculos.

Na medida em que me identifiquei com Bicudo, coube a mim também o encargo de apresentá-la a você, essa socióloga e psicanalista que dispensa apresentações. Diante de um contexto muito particular, a história de Bicudo tornou-se transversal a minha em muitos sentidos; a admiração que construí por sua caminhada aproximou-me de seu trabalho e de todas as camadas por trás de sua existência. Parte do processo de refletir sobre sua trajetória pessoal e profissional culminou em uma análise acerca dos entraves institucionais e estruturais que levaram ao seu apagamento na história do pensamento social brasileiro.

Ao estudar sobre sua trajetória, me peguei pensando na tarefa que o povo negro tem realizado ao resgatar personalidades, que em um dado momento de nossa história foram apagados em termos simbólicos e epistemológicos. Uma responsabilidade imensa, mais do que um dever, tem sido o trabalho desenvolvido por inúmeros intelectuais negros e negros, que buscam o reconhecimento de figuras como Guerreiro Ramos, Beatriz do Nascimento, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e, ainda que timidamente, Virgínia Bicudo.

A proposta desta edição, que leva o nome de Virgínia Bicudo, foi desenvolvida a partir de presenças, histórias e mãos que hoje não compõem mais o corpo editorial da Revista Pós, mas ainda assim estão presentes nesse projeto. A determinação de um projeto de radicalização das discussões sobre as questões raciais na produção científica e editorial nacional fizeram esse Caderno nascer. Aliado ao desejo por visibilizar a história de Bicudo, apesar do lugar marginal que ainda ocupa dentro da história das Ciências Sociais brasileiras, hoje inauguramos

um espaço exclusivo de produção e de publicação de autoria negra na Revista Pós. Com isso, o Caderno Virgínia Bicudo pretende acolher pesquisadoras e pesquisadores negros, suas produções e reflexões sobre as Ciências Sociais a partir das mais variadas narrativas e diferentes formatos. Um espaço epistemologicamente reservado aos trabalhos que pouco ganham espaço na academia.

Os caminhos que me levaram até ela

No lugar da mais singela curiosidade e desejo por me ver representada, me deparei com o trabalho de Bicudo em meados de 2018, quando, pelos corredores do Instituto de Ciências Sociais, ouvi que um professor do Departamento de Sociologia havia adicionado a dissertação de Bicudo, intitulada *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo (1945)*, nas leituras obrigatórias da disciplina de pensamento social brasileiro. Esta foi a primeira dissertação sobre relações raciais publicada no Brasil, orientada pelo estadunidense Donald Pierson (1900-1995), que tinha como objetivo investigar sobre a expressão do racismo na escola durante a formação dos alunos, além do impacto da categoria “cor” na subjetividade deste grupo. Em sua pesquisa, Bicudo apresenta o resultado de um trabalho desenvolvido entre os anos 1941 e 1944, ao analisar em que medida a categoria raça/cor era um marcador para as relações entre os alunos, de modo a definir suas atitudes e ações sociais.

A partir de estudos de caso, realizou entrevistas com famílias de diferentes auto-declarações raciais e, ainda, por meio de um trabalho de estratificação entre classe e raça, visava compreender as camadas desta

questão frente a uma discussão sobre sociologia da infância e das relações raciais. Os dados levantados em sua pesquisa apontam a distinção racial e social dos entrevistados, divididos entre negros e mulatos e três níveis econômicos distintos, sendo eles classes-baixa, intermediária e alta. A divisão proposta pela autora tinha como objetivo evidenciar o racismo vivido por negros independente de sua situação socioeconômica (SILVA, 2021; GOMES, 2013). Para a autora,

[...] a ascensão ocupacional não confere ao preto o mesmo status social do branco, consideradas as restrições demarcadas na linha de cor, ao passo que o mulato garante sua inclusão no grupo dominante, embora em sua personalidade permaneçam as consequências do conflito mental (BICUDO, 2010, p. 160).

Essa análise torna a pesquisa um grande diferencial do que havia sido produzido no início do século XX, tanto na perspectiva racial, ao reconhecer a existência do racismo brasileiro a níveis estruturais e subjetivos, quanto na questão de classe, ao descentralizá-la na discussão sobre a desigualdade social, apontando o caráter primordial da categoria raça neste debate. Ao aprofundar suas análises na questão racial, Bicudo atenta-se para a diversidade de experiências e de realidades vividas entre o grupo de pretos e pardos, e a partir disso, reconhece a distinta condição social e econômica ao qual estes possuem entre si. Evidenciando, assim, os efeitos psicossociais e simbólicos gerados na relação destes dois grupos entre si e para com os brancos em geral, de modo a demonstrar que o racismo atua de forma diversa sob diferentes condições vividas pelos negros.

Para entender um pouco mais sobre a relação direta entre seu trabalho e sua vida pessoal, é preciso que voltemos alguns anos e analisemos as origens de Bicudo. Ao traçar brevemente a árvore genealógica de sua família, rapidamente notamos que “Virgínia é fruto da dinâmica racial brasileira e suas amarras sociais, não só escravistas, mas da lógica de classe, da migração e formação do Estado brasileiro” (SILVA, 2021, p. 20). Filha de Giovanna Leone, jovem imigrante italiana, e de Teófilo Bicudo, jovem negro livre, Virgínia nasceu em 1910, em São Paulo. Sua vida esteve marcada pelas relações sociais e raciais do início do século XX, em um período intenso de debates pós-abolição e do avanço do projeto de modernização brasileira.

Há por trás de sua história uma interessante amálgama social: Teófilo foi o segundo filho de uma mulher escravizada de nome Virgínia, de quem se sabe muito pouco, devido à ausência de documentos históricos (GOMES, 2013). No entanto, após sua morte, o dono das terras da fazenda, Bento Bicudo, apadrinhou seu filho e deu a ele seu sobrenome: Bicudo. É a antropóloga Janaina Damaceno Gomes (2013) que observa a complexidade por trás do nome Virgínia Leone Bicudo e o que de fato isso representa para sua história,

Virgínia, Leone e Bicudo eram três nomes que circulavam pelo mesmo espaço social, o da fazenda, exercendo papéis distintos (o escravo, o imigrante, o dono das terras). Virgínia Leone Bicudo sintetizou diretamente em seu nome uma configuração social que não seria possível fora daquele contexto. Nela, a escrava, os imigrantes, o quatrocentão (GOMES, 2013, p. 47).

Nesse sentido, é possível observar como sua vida esteve marcada pelas relações diretas entre a história de seu pai, um homem negro livre, de sua avó Virgínia, uma mulher negra escravizada, e, ainda, pela relação estreita que seu pai manteve com Bento Bicudo, da qual herdou o sobrenome. Essa teia social que envolve sobrenomes, origens, histórias e ancestralidades é particular de Virgínia, mas não é exclusiva a ela; tais imbricações mobilizam – ainda que involuntariamente – a história de boa parte de nós negros, fruto da história brasileira.

No início do século XX, após a ascensão social e econômica de seu pai, Bicudo tornou-se parte de uma classe negra letrada, que burlava determinadas barreiras do racismo estrutural, em direção a um futuro que ainda não havia sido traçado e, supostamente, autorizado aos negros. Sua existência não pedia permissão. Pertencia a uma classe média negra, a qual foi possibilitado o acesso aos estudos, em um contexto marcado pelo associativismo negro e pelo avanço da imprensa negra brasileira, braços fundantes para a compreensão e disputa dos negros por uma cidadania plena, ao tensionar o Estado brasileiro quanto a novas condições de vida (ASSIS, 2020).

Em sua vida, o ensino tinha um caráter valioso e obrigatório. Por influência de seu pai, ela e seus irmãos se dedicaram aos estudos e tinham como objetivo alçarem outros caminhos. Em entrevista ao pesquisador Marcos Chor Maio (2010), Virgínia contou que, “para meu pai todo mundo tinha que ser alfabetizado. E todo mundo foi para escola. Ninguém foi trabalhar. Meu pai escolheu o que havia de melhor.” (MAIO, 2010, p. 336). Assim, dedicou-se ao magistério em escolas de São Paulo, até que orientada por um movimento intenso quanto

à questão sanitária no país e o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, formou-se como educadora sanitária na Escola de Higiene e Saúde Pública do Estado de São Paulo (TEPERMAN & KNOPE, 2011).

Envolvida com estudos e trabalhos sobre saúde, Bicudo relatou em inúmeras entrevistas seu interesse por buscar respostas aos seus anseios, a fim de compreender a relação entre seu sofrimento subjetivo com a própria dinâmica estrutural da sociedade. Nestas entrevistas, é notável sua consciência sobre o racismo vivido por ela, reafirmando, constantemente, como encontrou em sua formação profissional mecanismos e ferramentas para compreensão completa deste fenômeno. Sobre isso afirma,

Fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro com a de fora. Fui procurar na sociologia a explicação para questões de status social. E na psicanálise, proteção para a expectativa de rejeição. Essa é a minha história (MAUTNER, 2000, p. 1).

Motivada por essa questão, Bicudo tornou-se a primeira mulher negra a compor uma turma da Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP, vinculada à Universidade de São Paulo. Em 1936, iniciou a graduação em Ciências Sociais e Política na mesma instituição, onde também realizou seu mestrado e, posteriormente, lecionou disciplinas com o professor Durval Marcondes (MAIO, 2010). O contexto da formação acadêmica de Bicudo está marcado justamente pela fundação e consolidação da Sociologia no Brasil, sob influência dos pesquisadores da Escola de Chicago, sendo esta ciência responsável por assumir um olhar para o

Imagem 1 – Virgínia Bicudo com seus colegas de turma, sendo a única mulher negra



Formandos do bacharelado em Sociologia e Política da ELSP em 1938. Da esquerda para a direita: J. Costa Sobrinho; Antonio Rubbo Müller; J. Siqueira Cunha; Virginia Leone Bicudo; Massimo Guerrine; Olavo Baptista Filho e; Mario G. Pereira; J. Lellis Cardoso. Note-se que entre os oito formandos, Virginia é a única mulher. São Paulo, 1938. Fonte: CEDOC/ FESPSP.

Fotografia consultada no arquivo online disponível no site da SPB-SP disponível em:
<https://www.sbsp.org.br/documentacao/centro-de-documentacao/#centro-de-documentacao>

Acesso em: 23 set. 2022.

contexto de modernização brasileira e para a discussão das relações raciais (MAIO, 2010; GOMES, 2013). É neste cenário de ebulição e supostas oportunidades que Bicudo desenvolveu sua dissertação e em seguida se foi convidada a dar sequência ao seu trabalho, se dedicando ao Projeto Unesco, relatório que evidenciaria a UNESCO à proporção e à profundidade do racismo brasileiro, novamente como única mulher negra.

O projeto intitulado Projeto Unesco sobre relações raciais (1950-1953), construído por Florestan Fernandes e Roger Bastide, abarca uma série de trabalhos sobre a questão racial no país. Nesse sentido, Virgínia Bicudo é convidada a trabalhar com a seção dedicada aos estudos do racismo e da infância, em que desenvolve o texto *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação*

com a cor dos seus colegas. Ao entrevistar cerca de 29 famílias, a autora pretendia observar o papel da família na expressão do racismo dos filhos e na concepção do próprio imaginário do negro para a criança (DA CRUZ *et al.*, 2015). A pesquisa avança em muitas frentes, com relação a sua dissertação, seguindo uma metodologia estratificada adicionando uma nova categoria a ser discutida: o gênero. Nesse sentido, observou os grupos de estudantes a partir das categorias gênero, nacionalidade, raça e classe, ainda nos anos 1950.

A posição de pioneirismo esbarra em um lugar de fragilidade e insegurança, em que pôde trabalhar ao lado de pesquisadores como Oracy Nogueira, Roger Bastide, Florestan Fernandes, entretanto seguiu invisibilizada e descartada ao longo dos anos. A mar-

ginalização de suas produções e sua trajetória compõe um aspecto comum e cotidiano ao trabalho de intelectuais negras, que sofrem diariamente com os impactos do racismo e do machismo em seus trabalhos acadêmicos e na sociedade como um todo (GONZALEZ, 1980). A partir disso, pode-se apontar que

a reivindicação deste lugar visa contrapor um discurso de relativização de sua importância, que se alimenta por meio da negação completa de sua existência, de modo a pontuar seu trabalho e compreender criticamente seu lugar enquanto a única mulher negra naquele período fazendo sociologia (SILVA, 2021, p. 30).

Em diálogo com Patricia Hill Collins (2016), pude observar Bicudo sob um olhar estratégico e particular do contexto ao qual esteve inserida, num exercício de *outsider within*³, pois criou mecanismos para manter-se visível, utilizando de suas dores e experiências pessoais para perceber o racismo e analisá-lo empiricamente, refletindo sobre o impacto deste fenômeno na subjetividade dos negros e suas camadas desde a infância. É neste exercício de estar *fora e dentro* da sociologia brasileira que Bicudo trilhou uma trajetória única para o período, que segue como um ciclo de marginalização e de racismo institucional que marca o caminho de sociólogas negras.

Um dos aspectos mais interessantes em seus trabalhos é ver o movimento tão discutido por Guerreiro Ramos (1995) ao trazer o *negro-vida* para o centro de suas discussões, abandonando o *negro-tema*. O momento transgressor do desenvolvimento

de sua pesquisa está marcado não apenas por seu esforço teórico-metodológico em analisar o racismo, mas pela pessoa que foi e seu vínculo tão pessoal com o tema em questão. Apesar disso, Gomes (2013) comenta que é possível observar nos trabalhos de Bicudo diálogos diretos e concepções próximas do estudo desenvolvido por Gilberto Freyre, acerca do mito da democracia racial. Um aspecto oportuno sobre essa questão está em enxergar que a autora se desprende de determinadas amarras e discursos eugenistas disseminados no início do século XX, mas que, em dados momentos, segue uma linha tênue e próxima das interpretações da noção de democracia racial.

Ao olhar sobre os trabalhos de Bicudo, devemos considerar suas contribuições e inovações, nos atentar a possíveis lacunas e tencionar suas interpretações acerca da questão racial que possam dialogar com Gilberto Freyre. Em sua dissertação, Gomes (2013) aponta:

No desejo de encontrar uma autora negra, da primeira metade do século XX, acabei criando para mim uma leitura emancipadora do texto de Bicudo. Onde ela aparecia mais como uma denunciadora da condição do preconceito de cor do que como uma leitora conivente de tese da democracia racial. Na verdade, ela foi contraditoriamente as duas coisas (GOMES, 2013, p.113).

A autora chama atenção para o fato de que Bicudo deve ser vista diante de um contexto histórico-social específico, de modo que, ao tecer críticas e observar as limitações de seu trabalho, torna-se impor-

3. Conceito apresentado pela socióloga negra Patricia Hill Collins no artigo “Aprendendo com a outsider within” (2016), para conceituar as estratégias e ferramentas utilizadas pelas intelectuais negras no campo sociológico ao tratar da teoria a partir de seu local marginalizado.

-tante compreender o leque bibliográfico com quem dialogou e como no início do século XX a questão racial estava sendo pensada. Desse modo, colocá-la em um local de pioneirismo permite que reconhecamos seus feitos e que enxerguemos que suas análises foram o começo de uma gama de trabalhos que visavam discutir a questão racial no país e, não necessariamente, o fim de uma tradição do pensamento negro que se estende até os dias atuais. Isso a localiza em um lugar de complexidade que foge de um olhar dicotômico sobre suas contribuições e, também, humaniza seus trabalhos.

Após sua atuação no Projeto Unesco, Bicudo se distanciou das Ciências Sociais e dedicou-se aos estudos da psicanálise, que nessa área foi tão pioneira quanto na primeira. Responsável por tornar-se uma das primeiras pesquisadoras a trazer a psicanálise ao Brasil, fundou a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP, se transformando em uma grande referência no campo, até seu falecimento em 2022. Em sua trajetória pela psicanálise, Bicudo seguiu caminhos interessantes, e em parceria com a Rádio Excelsior, apresentou um programa de rádio denominado “Nosso Mundo Mental”, em 1955. Neste programa, ouvia histórias familiares e tecia comentários e análises sobre a situação relatada, e, assim, se popularizou boa parte de suas reflexões e aproximou sua figura de um público que não era acadêmico (GOMES, 2013).

Seu programa demonstrou sua forte atuação nas discussões psicossociais e seu interesse em exercer sua profissão mais próxima da sociedade. Ao final, seus estudos sobre a infância e sua dedicação às questões psicossociais compuseram parte da história da psicanálise no país, sendo possível observar um esforço dos profissionais desta área em seguir visibilizando seus trabalhos, o que, de certo modo, impulsionou as Ciências Sociais para um caminho similar.



Imagem de jornal consultada no arquivo online disponível no site da SPBSP no link: <https://www.sbpsp.org.br/documentacao/centro-de-documentacao/#centro-de-documentacaohttps://www.sbpsp.org.br/documentacao/centro-de-documentacao/#centro-de-documentacao>. Acesso em: 23 set. 2022.

Ainda que a psicanálise tenha sabido reconhecer seu trabalho, seu lugar de destaque e a valorização de seus estudos das Ciências Sociais não o fizeram, e justamente por isso Bicudo segue adjacente, não só para a história dessa ciência, mas para a história da população negra. A quem interessou — e ainda interessa — o apagamento de Virgínia Leone Bicudo e todo seu legado às Ciências Sociais brasileira? Esta pergunta, de certa forma retórica, aponta sua ausência e mostra um processo bem-sucedido de exclusão e de marginalização dos negros na produção de conhecimento, tanto na universidade quanto no direito à cidadania plena. Mesmo que sigamos continuamente reivindicando sua

figura, sinto que temos um longo caminho a percorrer, enquanto histórias, como o breve relato desta apresentação, que segue acontecendo. Nessa perspectiva, Janaina Damaceno escreveu, “o segredo de Virgínia, é Virgínia como segredo” (GOMES, 2013, p.27), e ela não estava errada. Espero que esse Caderno nade contra essa maré e some forças na visibilização de sua história.

Referências Bibliográficas

BICUDO, Virgínia Leone et al. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 99-127, 2016.

DA CRUZ, Ana Cristina Juvenal; ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. A pesquisa sobre criança e infância no Projeto UNESCO. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 9, n. 2, p. 321-346, 2015.

GOMES, Janaina Damaceno. Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 2013. Tese (Doutorado em antropologia). USP, 2013.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. *cadernos pagu*, p. 309-355, 2010.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do "branco" brasileiro. *Jornal do Commercio*, 1955.

SANTOS, Fernando de Oliveira dos. Pós-abolição e a luta pela cidadania negra na cidade de São Paulo (1891-1930). 2020. Dissertação (Mestrado em História). UNESP, 2020.

SILVA, Gabriela da Costa. Pioneirismo e memória: uma sociobiografia da socióloga negra Virgínia Leone Bicudo. 2021. Monografia (Bacharelado em Sociologia). UnB, 2021.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPE, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de psicanálise*, v. 44, n. 80, p. 65-77, 2011.